

# REFLEXÃO SOBRE AS VICISSITUDES DE MATEMÁTICOS EM PERÍODOS BÉLICOS: O CASO DE J. SEBASTIÃO E SILVA

*Cecília Costa*<sup>1,2</sup>

CIDTFF-Lab-DCT, Univ. Aveiro

UTAD, Vila Real

[www.utad.pt](http://www.utad.pt)

e-mail: [mcosta@utad.pt](mailto:mcosta@utad.pt)

A guerra é um tema recorrente na História da Humanidade e está tratada em múltiplos estudos com grande profundidade e segundo diversas perspectivas. A História da Matemática e dos Matemáticos não é exceção. Existem estudos sobre matemáticos em tempo de guerra, em particular durante a II Guerra Mundial, relatando as vicissitudes e, por vezes, atrocidades por eles sofridas [1]; ou, numa outra perspectiva, relatando a relevância e a evolução que a matemática teve em contextos de guerra [2]. Normalmente trata-se de estudos históricos abrangentes e globais, no entanto, há já algum tempo que historiadores começam a dar voz às histórias a nível local e individual, as quais retratam a realidade passada segundo outros pontos de vista. Testemunhos orais, correspondência pessoal, fotografias, diários, entre outros, são fontes históricas que dão voz a um novo tipo de história.

A reflexão que apresentámos surgiu da leitura de uma carta [3] de J. Sebastião e Silva (1914-1972) para J. Vicente Gonçalves (1896-1985), escrita em Roma, em Agosto de 1945, complementada por outra de Março de 1946 [4]. A primeira é escrita após o fim da guerra na europa (7 de Maio de 1945) e na qual é notório que Sebastião e Silva retrata uma situação que sabe já estar ultrapassada. Tal perpassa toda a carta. É bem conhecido que Sebastião e Silva permaneceu nesta cidade, de 1943 a 1946, como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura, para desenvolver a sua investigação com vista ao doutoramento [5]. A II Guerra Mundial eclodiu a 1 de Setembro de 1939, com a invasão da Polónia pela Alemanha e terminou a 2 de Setembro de 1945 com a rendição do Japão. Note-se que o período de vida de Sebastião e Silva a que nos estamos a referir coincide com o período da II Grande Guerra e do pós-guerra (cerca de 3 anos). Os anos de 1940 a 1942, em Portugal,

---

<sup>1</sup>Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/CED/00194/2013

<sup>2</sup>Colaboradora do CIDMA-GHM da Universidade de Aveiro.

ainda que marcados pelas vicissitudes, previstas e imprevistas, de tempos de guerra [6], não foram dramáticos. Sebastião e Silva partiu para a capital italiana com vontade de aprofundar os seus conhecimentos científicos e elaborar os estudos com vista ao doutoramento, no entanto o ambiente que encontrou era tudo menos propício ao estudo e reflexão, já que o envolvimento da Itália na II Grande Guerra foi muito diferente do de Portugal. Na carta de Agosto de 1945 [3], Sebastião e Silva relata vários episódios de guerra vivenciados por ele, como ilustram as duas citações seguintes: “Em 19 de Julho de ‘43 deu-se o primeiro bombardeamento de Roma; uma semana depois a queda do fascismo; a 8 de Setembro o armistício e a defesa abortada de Roma.” [3]; “Entrou-se, então no período da ocupação alemã, que se prolongou até 4 de Junho de ‘44 [altura em que Roma é libertada pelos Aliados] – longo período durante o qual meia Roma viveu escondida e a actividade escolar foi praticamente nula.” [3]. Para além da anormalidade da vivência quotidiana de tempos de guerra, como por exemplo, a dificuldade em enviar correspondência para Portugal, o que para quem está fora constituiu um problema, outros tinham também peso relevante.

O facto de instituições fecharem durante esse período, como foi o caso do Istituto Nazionale di Alta Matematica e também da Accademia dei Lincei, ou, na tentativa de protegerem o espólio, o guardarem em lugares seguros, como aconteceu com a biblioteca da Faculdade da Universidade de Roma “La Sapienza”, impossibilitou o normal desenrolar dos trabalhos, em particular daqueles que são baseados em pesquisa bibliográfica, como era o caso de Sebastião e Silva. Durante cerca de um ano, o tal período em que “meia Roma viveu escondida”, Sebastião e Silva diz “Foi[-me] então possível manter contactos unicamente com Fantappiè, que pôs à nossa disposição a sua biblioteca, porquanto aquela da Faculdade jazia no subterrâneo.” [3]. Sebastião e Silva relata situações penosas vividas por matemáticos italianos com quem contactou, por exemplo, Enriques e Severi, para além de outros matemáticos hebreus que foram perseguidos (como Castelnuovo, Levi-Civita, Fubini, Fano, G. Ascoli e Pincherle, entre outros). Na carta de Agosto de 1945 [3], Sebastião e Silva mostra-se confiante que a normalidade será reposta em breve e que poderá retomar os estudos com maiores facilidades, no entanto, a carta de 28 de Março de 1946 [4], mostra que a normalidade não foi reestabelecida assim tão facilmente. Ultrapassado o prazo da bolsa sem os resultados esperados atingidos, ainda que devido à instabilidade e limitações do período de guerra, a bolsa do Instituto de Alta Cultura foi cortada. A situação era delicada e Sebastião e Silva sabia e ressentia-se disso [4]. A situação económica na Itália do pós-guerra acar-

retou dificuldades acrescidas no dia-a-dia deste Matemático. Sebastião e Silva previa regressar a Lisboa em meados de 1946, mas só regressou em Dezembro, conseguindo estender a sua estada em Roma cerca de meio ano. Apesar de todas as vicissitudes por que passou durante o período em Roma, fruto do desenrolar da II Guerra Mundial, foi lá que nasceu o especialista em Análise Funcional com contributos relevantes para a evolução desta área no pós-guerra.

Não temos conhecimento de algum estudo que contextualize essa fase da vida deste Matemático no período bélico que se vivia na altura. Partindo do testemunho na primeira pessoa de Sebastião e Silva esperamos ter contribuído para dar a conhecer algumas das vicissitudes vividas nessa altura por este Matemático de excepção.

## Referências

- [1] Thomas Huckle, *Mathematicians during the Third Reich and World War II*. <http://www5.in.tum.de/~huckle/mathwar.html>, acedido em 24/04/2015.
- [2] Jaime Carvalho e Silva, *Como a Matemática ajudou os aliados a ganhar a II Guerra Mundial (1939-1945)*, Comunicação apresentada no âmbito das Tardes de Matemática, SPM-Centro, 2014.
- [3] José Sebastião e Silva, *Carta para J. Vicente Gonçalves*, Existente no Espólio de J. Vicente Gonçalves à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, Agosto, 1945.
- [4] José Sebastião e Silva, *Carta para J. Vicente Gonçalves*, Existente no Espólio de J. Vicente Gonçalves à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, Março, 1946.
- [5] Cecília Costa e Isabel Teixeira, “Sebastião e Silva revisitado: retalhos biográficos, científico e pedagógicos”, *Boletim da SPM* vol. 57 (2007), pp. 33-47 .
- [6] J. Mattoso, *História de Portugal*, Vol. 7 (O Estado Novo (1926-1974)), Editorial Estampa, Lisboa, 1998.